



Júlia, do 3º C, exhibe vestido de saco de lixo. Modelo será usado em desfile no Supermercado ABC.

4»



EDIÇÃO FINAL - EXEMPLAR DE JUNHO MARCA O FIM DO PROJETO BIC-JR QUE CRIOU O JORNAL *nós* HÁ UM ANO 4»

UFMG cria bônus para alunos de escola pública

A partir do vestibular deste ano a UFMG irá colocar em prática um projeto de pontuação adicional para candidatos que tiverem cursado da 5ª série ao 3º ano do Ensino Médio integralmente em escola pública. Esses estudantes serão beneficiados com uma adição de 10% nos pontos obtidos no processo seletivo – basta multiplicar a nota por 1,1. Já os candidatos que, além de terem estudado em escola pública, se auto-declararem negros, terão ainda um acréscimo de mais 5%, além dos 10%. O bônus será aplicado nas duas etapas do vestibular. Com a aplicação do sistema de cotas, a UFMG estima que o acesso de estudantes do ensino público à universidade será ampliado de 35% a 50%, o que significaria uma igualdade com os candidatos oriundos da rede privada. A universidade busca outras alternativas de inclusão social, como a criação de cerca de 1200 vagas no vestibular de 2009, com mais de 700 destinadas ao turno da noite.

entrevista

O professor Fernando comenta sobre a educação no Brasil 2»

bolsa

Entenda como funciona a bolsa que paga o valor mais alto aos alunos. 4»

tipo assim...



Perdidos e achados

Quem esquece uma calça na escola? Talvez o mesmo aluno que esquece a camisa, o agasalho e um aparelho novinho de testar voltagem. O **Perdidos & Achados** do Cefet lembra uma promoção de garagem. Tem de tudo um pouco: do óbvio guarda-chuva a uma - o que é isso? - fantasia de lobo-mau! Só faltam esquecer a cabeça. Cabeça mesmo não há, mas se houvesse, ela ficaria bem com um chapéu preto com plumas amarelas. Poderia estudar bastante com uma pilha de livros e contabilizar o valor de tudo o que foi achado usando vários modelos de calculadoras. Chaves, há pencas, muitas presas a pobres bichos de pelúcia que parecem suplicar pelos donos esquecidinhos.

Objetos achados no Cefet. De bichinhos de pelúcia a livros e casacos, podem ser resgatados com Rosália, na direção.



ENTREVISTA FERNANDO LEMOS Professor de Português

A escola no Brasil é ruim, é errada e chata

MATHEUS LOPES e BÁRBARA REGINA

nós - O que o senhor acha da reforma ortográfica?

Fernando - A unificação entre países de língua portuguesa é interessante. Mas as mudanças trarão enormes custos de material gráfico para o país. Além disso, temo que aconteça como na reforma de 1971: muitos não absorveram as novas regras.

nós - Como anda o ensino de Português no Brasil?

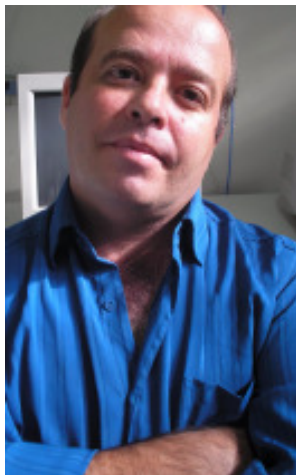
Fernando - Há dois tipos de ensino de português: o ensino da língua e o da gramática. O primeiro ensina o aluno a perceber as nuances da língua falada e escrita. Já o segundo, é adotado há 200 anos pelas escolas brasileiras e se preocupa com regras. Rui Barbosa, no século XIX, já dizia que seria reprovado se tivesse de fazer uma prova de análise sintática.

nós - Quais os desafios do ensino da matéria no país?

Fernando - Vencer um quadro alarmante. Avaliado entre 40 países em conhecimentos linguísticos, de matemática e de ciências, o Brasil fica na lanterna. 75% da população é incapaz de entender um parágrafo completo: são analfabetos funcionais.

nós - O senhor sempre gostou de Português?

Fernando - Sempre. No ensino médio eu adorava o Romantismo, escrever. O que me garantiu grande parte de meus empregos foi a capacidade de redigir textos.



"O AMBIENTE ESCOLAR NÃO É DE DISCUSSÃO DE TEMAS"

Certa vez, uma empresa me contratou porque eu sabia escrever cartas, já que os proprietários - um advogado e um engenheiro - não sabiam.

nós - Em que matéria tinha maior dificuldade?

Fernando - Física e Química. Por causa da falta de laboratórios. Não existe aprendizado sem prática. O resto é decoreba, e isso não ensina nada a ninguém.

nós - Qual o conteúdo de Português mais cobrado no vestibular?

Fernando - As faculdades menores ainda privilegiam a gramática, já as universidades públicas preferem a interpretação de texto. Afinal, que aluno interessa à universidade? O que consiga ler e redigir perfeitamente ou

o aluno que sabe de cor regrinhas de ortografia?

nós - Então, como o senhor orienta seus alunos para se prepararem para o Enem, por exemplo?

Fernando - Nesse exame, o aluno encontrará uma proposta de redação para um texto argumentativo. Dessa forma, o estudante tem de saber apresentar sua tese, depois os argumentos e concluir seu texto com uma solução ao problema. Porém a falha da escola está justamente nesses passos. O ambiente escolar não é de discussão de temas, é, na verdade, de ensinar matérias. A escola tem de optar entre formar um aluno que saiba argumentar e propor idéias ou formar um aluno mudo. Se quisermos o primeiro, temos de mudar não apenas a redação, mas a forma de pensar da escola. Essa instituição no Brasil é ruim, é errada e chata. Por isso tanta repetência e evasão.

nós - E como formar esse aluno que argumenta?

Fernando - Com o contato com a língua escrita. Texto de opinião, sobre política internacional, economia, entre outros. Isso aumenta a capacidade crítica e de argumentação do aluno.

nós - Fora dar aula, o que o senhor gosta de fazer?

Fernando - Assistir a filmes, ler, participar da política de meu município - faço isso desde os 12 anos -, além de ir para a roça e pescar.

Portugal aprova reforma ortográfica

O QUE MUDA

HÍFEN - Não se usará mais quando o segundo elemento começa com r ou s ("antirreligioso" fica "antirreligioso") e quando o primeiro termo termina com vogal e o segundo também começa com vogal: autoestrada. Mas o hífen fica quando o prefixo termina em r (hiper-)

TREMA - deixa de existir

ACENTOS GRÁFICO - deixa de existir em hiatos "ôo" ("vão"), em "pára" e em "crêem", "lêem", "vêem", "dêem" e seus derivados. Também não haverá mais acento em ditongos abertos (ói, éi, éu), em "i" e "u" hiatos ("saída") e no "u" tônico de verbos como em "averigúe".

ALFABETO - Acrescentam-se ao alfabeto português as letras K, W e y.

serão unificadas. Assim, "Mecânica", "Antônio" ou "bebê" continuarão a ser escritas com acento agudo no português europeu e com circunflexo, no brasileiro.



AUTO-PRESERVAÇÃO - FOTO ENVIADA PELO PEDRO (3ªA), TIRADA PRÓXIMO A SEU SÍTIO: PROBLEMAS DE AMBIGUIDADE COMO O DA PLACANÃO SERÃO RESOLVIDOS COM A REFORMA ORTOGRÁFICA.

“ Chegamos a uma boa fórmula para jornal escolar.

“ Percebemos como é trabalhoso fazer um jornal!

“ Faltaram mais matérias sobre o noturno.



ENTREVISTA
MATHEUS LOPES
BÁRBARA REGINA

O Bic faz o aluno pensar como um pesquisador

LUIZ CARLOS GONÇALVES

De início, o projeto previa apenas uma pesquisa que apontasse as medidas necessárias para que o campus tivesse seu boletim. A idéia era propor algo estruturado, um órgão informativo que cativasse a comunidade escolar. De prático, mesmo, haveria o lançamento de um jornal ao final do projeto. Mas a coisa começou pelo fim. Em boa parte por influência dos bolsistas Matheus Lopes de Andrade, do 3ºB e Bárbara Regina Altivo (3ºC), o projeto de Iniciação Científica Júnior (Bic-Jr) decidiu lançar primeiro um boletim, para a partir das críticas, elaborar as bases da pesquisa. Mas o laboratório não parou. Foram seis edições. A última, esta, em que os dois aprendizes de redatores, Matheus e Bárbara, falam sobre a experiência que chega ao fim.

nós - Qual era o papel de vocês no jornal?

Bárbara - Resumidamente, a gente tinha de coletar dados e transformá-los em informações compreensíveis. Tinha de transformar fatos que muitas vezes passam despercebidos, em notícias atraentes.

nós - Houve alguma matéria que gostaram mais de fazer?

Bárbara - Adorei escrever sobre moda, pois está dentro do meu mundo.

Matheus - Eu não tenho uma matéria específica. Mas gosto daquelas mais soltas, sobre fatos curiosos, que mostram coisas que normalmente ninguém vê, como al-

gum talento desconhecido de um aluno, por exemplo.

nós - E a edição preferida?

Matheus - A de abril ficou muito bonita.

Bárbara - A primeira, pois eu nunca tinha feito isso na minha vida e a expectativa de ver a coisa pronta foi demais.

nós - Uma recomendação para quem quer fazer Bic.

Matheus - É uma experiência muito boa, coloca a gente em contato com metodologia científica. Algo que muita gente só vai aprender na universidade, a gente já viu. A vantagem que vamos levar sobre os colegas na faculdade é enorme.

nós - O nós foi uma experiência. E qual foi o resultado?

Bárbara - A gente ainda não terminou, falta analisar os dados colhidos, concluir o relatório. Mas sem dúvida, chegamos a uma boa fórmula para um jornal escolar. Algo que mexeu com a escola. As pessoas podem ter gostado ou não, mas ninguém ficou indiferente.

Matheus - Não sei se a gente descobriu a fórmula perfeita para um jornal de escola, mas do primeiro número do nós para o último, a gente percebeu uma mudança gritante na recepção das pessoas. De início, elas o recebiam com desconfiança. Mas agora, os alunos e professores nos procuram para trazer matérias e para saber quando o jornal vai sair.

nós - Qual é a diferença do nós para o Em pouco tempo, do campus I?

Bárbara - Há uma enorme diferença de projeto de jornal. Não só no leiaute, mas



MATHEUS E BÁRBARA: SIM, ELES PENSAM EM FAZER FACULDADE DE JORNALISMO

na concepção. A forma de elaborar a pauta, o fato de o nós ser redigido por alunos, a linguagem isenta. O distanciamento que mantivemos da direção da escola, tornou o nós menos oficial, mais atrativo. A gente não fez um informativo da administração, mas da comunidade escolar. Eu diria que o nós é mais sensível.

Matheus - O diferencial é a postura do nós diante dos fatos. A gente não escreve para fazer propaganda de algo, para convencer de um ponto de vista, mas só para noticiar.

nós - Algum entrevistado especial?

Matheus - Eu adorei fazer todas as entrevistas. Mas a da Beth marcou a gente porque teve um lado mais solto, mais humano. Ela entendeu bem essa proposta.

nós - Como era escolhida a pauta do jornal?

Bárbara - Em reuniões com o professor orientador. Muitas notícias chegavam pelo

e-mail ou eram sugeridas pela direção, por alunos e professores. Nesses casos, a gente apurava o fato e decidia a abordagem, a cara que a matéria teria: se mais séria, se divertida..., se teria foto, quem iria redigir...

nós - O que faltou no jornal?

Matheus - Faltaram mais matérias sobre o noturno. Mas isso é porque é muito complicado para mim e a Bárbara, que estudamos manhã e tarde, vir sempre à noite para produzir matérias e não é só vir, teria de entender o pensamento do pessoal da noite, suas expectativas... A solução talvez seja ter um bolsista do noturno.

nós - Até que ponto a experiência com o nós influenciou na formação de vocês?

Matheus - Além da questão da pesquisa, o contato com o jornalismo mexeu demais comigo. É grande a tentação de cursar essa faculdade...

Bárbara - Eu já pensava em

fazer jornalismo antes do Bic-Jr. A experiência só consolidou essa minha decisão.

nós - E sua visão de mundo?

Bárbara - O Bic faz o aluno pensar como um pesquisador. Mas também o contato com o jornalismo em si, mudou minha forma de ler o mundo. Hoje eu sou muito mais seletiva, analiso vários ângulos de uma notícia, você adquire outra forma de olhar, depois que passa pela experiência de ser quem produz o que as pessoas vão ler do mundo. Fica mais seletivo.

Matheus - É, depois que a gente passa a escrever notícias, detalhes que para os outros não têm importância, para a gente é o que conta. A gente observa cada número de uma estatística, a legenda das fotos, os ângulos, sabe? É como se passasse a ter uma visão do todo mais ampla. Uma visão que se forma depois de se perguntar: de onde tiraram esse dado? Quem é esse enunciatador? Qual o interesse por traz disso? É um olhar mais aguçado.

Bárbara - Ah, e eu e o Matheus percebemos como é trabalhoso fazer um jornal. Meu Deus! Quem está de fora não imagina o que há por traz daquele exemplar bonitinho, certinho que ele recebe. E tem a questão do poder. Ter a possibilidade de redigir uma notícia é reconstruir um fato, é criar uma verdade. E isso é ter poder e responsabilidade. Sem falar que é arte, porque não é apenas o texto impresso, é o texto diagramado, com foto, isso altera a forma como o leitor interage com o texto. O melhor é ter consciência disso tudo.

nós - Uma matéria pode ser totalmente isenta?

Bárbara - Não. Mas pode abordar vários ângulos, pode ouvir todos os lados envolvidos. Eu acho que o jornalismo não transcreve a verdade, mas pontos de vista sobre a verdade. O resto é papel do leitor.

nós - Acabou?

Matheus - Nada, agora é a parte solitária e mais dura, que é redigir o relatório.

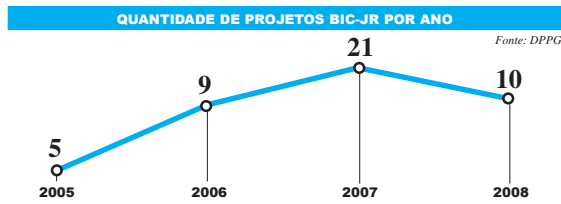
Bic-Jr incentiva pesquisa científica

MATHEUS LOPES ANDRADE

Todos os dias depois das aulas, Pedro Henrique, do 3º ELM, deixa de lado o papel de aluno, e passa a compor um personagem atípico às escolas de ensino médio brasileiras: o de pesquisador. “O objetivo de meu projeto é propor um laboratório de eletrotécnica, que o Cefet ainda não tem”, explica. Pedro tem uma Bolsa de Iniciação Científica Júnior - Bic-Jr. No Cefet, há mais 22 alunos que, assim como Pedro, além de esquentarem os bancos escolares, também queimam neurônios para provar alguma tese científica.

Os alunos são orientados por professores mestres ou doutores. O Bic é um programa do governo federal que distribui bolsas em dinheiro em várias universidades para financiar a pesquisa de alunos. Em sua versão júnior, o Bic atende estudantes do ensino médio de escolas como o Cefet ou conveniadas.

“O programa melhora a organização pessoal, a atitude, a compreensão e a visão crítica do estudante”, opina o professor Valter Júnior, ele mesmo orientador de dois projetos. Em um deles, o bolsista



Projeto que criou o nós chega ao fim

A pesquisa Bic-Jr que criou o jornal *nós* termina em julho. Com isso, este é o último número do boletim editado dentro do projeto. A idéia era analisar os passos necessários para a implantação de um jornal dentro do campus de Divinópolis do Cefet. Assim, as seis edições do *nós*, lançadas entre novembro de 2007 e junho de 2008, serviram de laboratório para que os bolsistas Matheus (3º B) e Bárbara (3º C), junto com o

professor orientador Luiz Carlos avaliassem na prática as teorias que constarão do relatório final do projeto. As seis edições tiveram 52 textos, com 58 fotos. Foram produzidas oito entrevistas: cinco com professores e três com alunos. Cada edição teve uma tiragem média de 500 exemplares. Além disso, o *nós* também ganhou uma versão online - www.div.cefetmg.br -, com o mesmo visual gráfico da imprensa.

Marco Túlio Reis Rodrigues do 3º PGTI desenvolve algoritmos (linguagem que o computador entende) com aplicações na área de circuitos elétricos e informática. “Na sala de aula temos a mordomia de um professor do nosso lado e qualquer dúvida é só perguntar. Já na Iniciação Científica temos de

aguçar nosso instinto de pesquisador, e buscar respostas em várias fontes”, explica.

Os projetos de pesquisa são apresentados pelos professores, tanto do técnico quanto do médio. Durante um ano, o estudante selecionado para a bolsa é orientado por seu professor no desenvolvimento da pesquisa.

Os temas dos projetos são variados. Iara Rosa Santos do 2º Vestuário Noturno está criando uma proposta de biblioteca de tecidos em espaço físico e virtual. “Fiz a inscrição porque achei interessante o tema do projeto e também porque é uma alternativa de estágio”, explica. Esse último argumento é o mesmo de muitos outros bolsistas. O Bic pode substituir o estágio desde que as atividades do projeto sejam condizentes com o curso técnico.

Queda

No ano passado, os 21 projetos Bic-Jr inscritos por professores do Cefet de Divinópolis foi recorde para um campus do interior do estado. O maior número até então haviam sido os 9 projetos em 2006. Este ano, no entanto, houve uma queda. Foram 10 projetos apresentados até o último dia 16, quando se encerrou o prazo de inscrição. A diminuição é normal, já que a maior parte dos professores não apresenta projetos dois anos seguidos. As inscrições dos alunos para os projetos deste ano poderão ser feitas no final de junho.

Vestuário e Hiper ABC fazem parceria

Projeto alerta sobre uso indiscriminado de sacolas plásticas

BÁRBARA REGINA ALTIVO

Nas últimas semanas, quem entrou no hall do Vestuário se deparou com uma matéria-prima nada comum na confecção de roupas: as sacolas plásticas de supermercado. A iniciativa é do 3º ano de Vestuário. As alunas aceitaram o desafio de produzir roupas e acessórios usando como base as tais sacolinhas. O resultado poderá ser conferido em julho, em um desfile que acontece dentro do Hiper ABC.

A pareceria com o maior supermercado da região não é por acaso. O ABC pretende lançar, junto com o desfile, uma campanha pelo uso consciente das sacolas plásticas, grandes vilãs da poluição ambiental. Na ocasião, os modelos vão desfilarem, além das roupas de sacolinhas, bolsas feitas de tecido, as chamadas *ecobags* (bolsas ecológicas), uma alternativa

ao uso do plástico. Segundo Sofia Barral, do 3º C, uma das coordenadoras do projeto, 16 *looks* farão parte do evento, dos quais 10 contarão com *ecobags* do próprio ABC. As outras bolsas são de confecção das alunas.

O evento é interdisciplinar e além dos professores do Vestuário, conta com assessoria do professor de Literatura Luiz Carlos. É que a confecção das roupas de plástico é a aplicação do “ready-made”, conceito do estilo artístico dadaísta que consiste no emprego de um objeto em função em que perde seu valor utilitário clássico. “O objetivo do desfile é incitar a reflexão do público quanto ao uso abusivo das sacolas, além de apresentar as *ecobags* como um método de redução de lixo”, explica Carolina, do 3º C. “Vamos trabalhar com a moda em seu caráter artístico. Nesse caso, nada melhor do que usar as sacolas amarelas do ABC, que já se tornaram um ícone dentro da cidade.” completa.



AS AMARELINHAS - IZADORA, DO 3º C, EXIBE UM DOS VESTIDOS FEITOS COM SACOLAS DO SUPERMERCADO ABC

Bolsa paga 80 por cento do salário

A Complementação Educacional é o programa social que paga a maior bolsa aos alunos: R\$ 332,00. Para ter acesso, além de se enquadrar em um perfil econômico determinado pela escola, o aluno deve desenvolver um projeto elaborado por professores do Cefet. De acordo com a assistente social Ana Paula Alvarenga, os professores interessados devem apresentar seus projetos ao SAE (Serviço de Apoio ao Estudante). O processo deste ano já ocorreu. “É importante lembrar que o projeto não deve servir somente à escola ou ao professor. O que interessa é a carga de conhecimento que o bolsista irá adquirir”, explica Ana Paula. Ainda de acordo com ela, os projetos devem ter conteúdo compatível com o ensino técnico e ter relação com os laboratórios da escola. Assim como os projetos de Bic-Jr, os que fazem parte da Complementação Educacional valem como estágio. Mas um diferencial do segundo, além da análise do perfil econômico do estudante, é que alunos do terceiro ano podem participar da seleção. Isso porque a duração mínima do projeto é de seis meses, que podem ser renovados semestralmente até o período de dois anos. Hoje, há 7 projetos de Complementação Educacional sendo desenvolvidos no campus de Divinópolis. Um desses projetos tem como bolsista a aluna Janaína, do 3º B. Ela colabora na manutenção de laboratórios de informática, além de monitorar o site da escola e trabalhar com a parte física da rede interna de computadores. “Coloco em prática o que aprendo no curso. São atividades importantes para a minha formação”, afirma a bolsista. Já Jucielly, do 3º Vestuário, resalta outro ponto positivo do programa. “Trabalho diretamente com os professores do meu curso, o que é muito enriquecedor”.

nós

PROJETO BIC-JR

Coordenador Professor Luiz Carlos Gonçalves **Redação arte fotos** Luiz Carlos Gonçalves **Bárbara Regina** (3º C) **Matheus Andrade** (3º B) **Ilustração** Breno Beirigo (3º B) **Impressão** Gráfica do Cefet-MG Campus I **Campus Divinópolis do Cefet-MG** R. Monte Santo, 319 B. Santo Antônio Divinópolis-MG Tel: 37 3229-1150 www.cefetmg.br **Contato** nosleitores@gmail.com